

**A REPRESENTAÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO NAS CAPAS DE  
LIVROS INFANTIS DO CLUBE DE ASSINATURA *MINHA PEQUENA  
FEMINISTA* SOB O FOCO DA GDV**

**THE REPRESENTATION OF GENDER EQUALITY ON THE COVERS OF  
CHILDREN'S BOOKS BY THE *MINHA PEQUENA FEMINISTA*  
SUBSCRIPTION CLUB UNDER THE FOCUS OF GDV**

Jaíne Reis Martins<sup>1</sup>

Universidade Federal de Alfenas

Flaviane Carvalho<sup>2</sup>

Universidade Federal de Alfenas

**Resumo:** Nos últimos anos, o mercado editorial brasileiro tem assistido a uma significativa proeminência dos clubes de assinaturas de livros, especificamente de obras infantis. Neste contexto, destaca-se o clube *Minha Pequena Feminista* (MINHA PEQUENA FEMINISTA, [s.d.]), cujos principais propósitos vão além do incentivo à leitura, visando à formação de meninos não-machistas e ao empoderamento de garotas. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é analisar como a igualdade de gênero é representada nas capas de dez livros infantis do referido clube, a partir dos recursos semióticos multimodais configurados. Para tanto, recorreu-se aos pressupostos teóricos da Semiótica Social Multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) que entende a linguagem como um sistema semiótico de escolhas, não se restringindo apenas ao modo semiótico linguístico, mas também a outros modos semióticos, como o modo visual. Quanto às categorias de análise, adotou-se as metafunções visuais propostas pela gramática do design visual, precisamente os significados representacionais e interativos. Os principais resultados da pesquisa apontam para certa tendência em transgredir padrões imagéticos machistas de representação de meninas, a saber: a ausência da predominância da cor rosa em suas vestimentas, ao mostrá-las envolvidas em atividades intelectuais e sociais que não aquelas do cuidar de bonecas e de executar tarefas domésticas – sugerindo, assim, que as crianças podem ser o que elas quiserem, independentemente do gênero ao qual se identificam.

**Palavras-chave:** Semiótica Social Multimodal; Gramática do Design Visual; Literatura Infantil; Igualdade de Gênero; Capas de Livros.

**Abstract:** In recent years, the Brazilian publishing market has witnessed a significant prominence of book subscription clubs, specifically for children's works. In this context, the club *Minha Pequena Feminista* (MINHA PEQUENA FEMINISTA, [s.d.]) stands out, whose main purposes go beyond encouraging reading, aiming at training male chauvinist boys, and empowering girls. In this sense, the objective of this research is to analyze how gender equality is represented on the covers of ten children's books from the aforementioned club, based on the configured multimodal semiotic resources. For this purpose, the theoretical assumptions of Multimodal Social Semiotics

<sup>1</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). E-mail: jaineletras2018@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Lisboa. É Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). E-mail: flaviane.carvalho@unifal-mg.edu.br.

(KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) were used, which understands language as a semiotic system of choices, not restricted only to the linguistic semiotic mode, but also to other semiotic modes, such as the visual mode. As for the categories of analysis, the visual metafunctions proposed by the grammar of visual design were adopted, precisely the representational and interactive meanings. The main results of the research point to a certain tendency to transgress sexist imagery patterns of girls' representation, such as: the absence of pink in their clothing as a predominant color, when showing them involved in intellectual and social activities that are not those of taking care of dolls and doing household chores – thus suggesting that children can be whatever they want to be, regardless of the gender they identify with.

**Keywords:** Multimodal Social Semiotics; Grammar of Visual Design; Children's literature; Gender equality; Book Covers.

**Submetido em 8 de fevereiro de 2023.**

**Aprovado em 14 de fevereiro de 2023.**

### **Considerações iniciais**

Nos últimos anos, tem havido um crescente interesse em se estudar a representação feminina em obras infantis. Pesquisas recentes com esse enfoque têm apontado para a construção da imagem do feminino como sujeita a um certo padrão de beleza (MARQUES, 2021); outras nos apresentam a quebra dessas expectativas e o rompimento com estereótipos femininos (BOLTEN, 2019) e, ainda, evidenciam a contribuição da literatura infantil feminina para a construção de uma nova forma de se pensar a sociedade, propondo uma nova mentalidade (PONDÉ, 2000).

De acordo com Fróis (2020), a construção da expressão de gênero perpassa por diversas linhas de tensão em constante operação, por haver diferentes discursos e modos de ser homem e mulher sobre os quais as crianças são expostas. No âmbito da educação infantil, por sua vez, é pertinente notar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Os seus princípios apontam para novas formas de se construir a própria subjetividade e o rompimento com as formas de dominação, dentre elas, a dominação de gênero.

Sob a perspectiva teórica da Semiótica Social Multimodal, é possível destacar alguns estudos centrados na temática da expressão de gênero em artefatos voltados para o público infantil. Caldas-Coulthard e van Leeuwen (2010), por exemplo, buscam entender como os brinquedos representam seres humanos enquanto “atores sociais”, como eles mesmos nomeiam ou transmitem significados de gênero.

Nessa seara, os estudos de Gualberto e Pimenta (2019) abarcam as representações do feminino nas seguintes protagonistas da Disney: Elsa, de *Frozen: uma aventura congelante* (FROZEN, 2014); Merida, de *Valente* (BRAVE, 2012) e Moana, de *Moana*:

*um mar de aventuras* (MOANA, 2017). A partir da construção do feminino nessas obras atuais, as autoras tecem uma comparação com animações clássicas como *Branca de Neve e os Sete Anões* (SNOW WHITE, 1938), *A Gata Borralheira* (CINDERELLA, 1950) e *A Bela Adormecida* (SLEEPING BEAUTY, 1959).

Face a pesquisas recentes com discussões acerca da temática de gênero, este estudo mostra-se relevante por colaborar com a ampliação das investigações com esse enfoque no contexto brasileiro, devido à existência de poucos estudos que contemplem a interface entre Semiótica Social, Multimodalidade e Igualdade de Gênero no âmbito da Literatura Infantil.

Para tanto, serão analisadas dez capas de livros infantis selecionados pela curadoria do clube de assinatura *Minha Pequena Feminista* (MINHA PEQUENA FEMINISTA, [s.d.]), encontrados a partir do tema ‘Igualdade de Gênero’, disponível pelo filtro do site do referido clube. As capas dos livros analisados podem ser vistas na Figura 1 abaixo:

**Figura 1** – *Corpus* de análise.



**Fonte:** Fonte: MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreen* das autoras.

A pergunta norteadora das análises é: como a igualdade de gênero é representada nas capas desses livros, a partir dos recursos semióticos multimodais escolhidos?

### **1. Alguns apontamentos sobre gênero, feminismo e educação**

Os estudos sobre igualdade de gênero no contexto infantil apontam para diferentes perspectivas teóricas. Dessa forma, torna-se relevante evidenciar o que se entende aqui por construção de gênero e por feminismo, a fim de compreender a questão abordada.

Ao pesquisarem sobre a representação da mulher em uma coleção de livros didáticos aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de Língua Inglesa, Titoto *et al.* (2021) concluíram que as políticas públicas brasileiras controlam o discurso de verdade sobre a mulher, evidenciando estereótipos femininos por meio da quantidade de ocorrências na coleção analisada.

Utilizando o conceito de gênero proposto por Joan Scott – que caracteriza o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (...) uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 85) –, as autoras afirmam que as obras não deveriam regular, controlar ou ideologizar o ensino e a aprendizagem, mas sim proporcionar a reflexão e o debate sobre os direitos e deveres das mulheres.

Levando em consideração as propostas de ampliação do pensamento não-sexista, torna-se pertinente entender as mudanças, as novas demandas, os enfrentamentos e as contradições vivenciadas nos últimos 30 anos pelo feminismo brasileiro como movimento social. Costa (2006), por considerar que o feminismo brasileiro não acontece isolado do movimento mundial, traça a linha de surgimento do feminismo no contexto do Iluminismo e das ideias da Revolução Francesa e Americana:

O movimento feminista, apesar de inserir-se no movimento mais amplo de mulheres, distingue-se por defender os interesses de gênero das mulheres, por questionar os sistemas culturais e políticos construídos a partir dos papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres, pela definição da sua autonomia em relação a outros movimentos, organizações e ao Estado, e pelo princípio organizativo da horizontalidade, isto é, da não-existência de esferas de decisões hierarquizadas (ÁLVAREZ, 1990, p. 23 *apud* COSTA, 2006, p. 54).

Considerando a intersecção entre as reflexões sobre feminismo e gênero aqui citadas, é possível concluir que as demandas atuais do movimento giram em torno do combate à desigualdade de gênero presente em diferentes pontos da sociedade: na representatividade política (histórica e que se mantém), na desigualdade salarial em relação a homens que realizam o mesmo trabalho, nas estatísticas de violência contra a mulher, nos padrões de beleza e na forma de educar meninas e meninos.

Diante das pautas propostas pelo feminismo e das reflexões sobre gênero aqui citadas, faz-se necessária a investigação dessas questões sob o viés educacional. Ou seja, em se tratando de educação para a igualdade de gênero, o que os educadores propõem sobre o tema e o que se tem abordado por estas áreas temáticas. Nesse sentido, Moreno (1999) afirma que meninas e meninos vão às escolas marcados por experiências vividas em casa, na comunidade, nos espaços não-formais de ensino, que os levam a criar para si

uma imagem particular do mundo, influenciados pela sociedade em que estão inseridos.

Para a autora, o sexismo se faz presente no cotidiano escolar por meio de ações, seja nas linguagens dos livros (verbal e não-verbal), nos discursos presentes neste espaço, nos currículos escolares historicamente selecionados, nas definições de gênero, na diferenciação de papéis de gênero em atividades esportivas, dentre outras.

Com base nessa reflexão, a autora salienta a importância da publicação de livros não-androcêntricos<sup>3</sup> e haver um controle eficaz, por parte dos escritores, em relação aos traços sexistas presentes nas obras.

Sob essa ótica e considerando a importância da publicação de livros não-sexistas, conforme explicitado por Moreno (1999), esta pesquisa contempla um tema e uma pauta específica do feminismo atual, ao se debruçar sobre o entendimento da igualdade de gênero na forma de educar meninas e meninos leitores.

## **2. Semiótica Social Multimodal e suas categorias de análise**

A análise semiótica realizada neste trabalho recorre às categorias propostas pela Gramática do Design Visual (GDV) concebida por Kress e van Leeuwen (1996), que consiste em um método de análise descritiva e sistemática para estruturas visuais. Os autores partem da noção de texto com um fenômeno multimodal, isto é, harmonicamente integrado por outros modos semióticos para além do verbal, a fim de produzir um determinado sentido. Desta perspectiva, concebem a linguagem visual como um sistema de produções de significados, tal como as estruturas gramaticais, já que também desempenha funções comunicativas e representacionais em contextos socioculturais.

A GDV foi formulada com base na teoria da Linguística Sistêmica Funcional (LSF), proposta pelo linguista britânico Michael Halliday, na década de 1960. A LSF concebe a linguagem como uma semiose social, isto é, entende a língua como um sistema estratificado de significados que estão à disposição dos usuários para que possam realizar trocas e negociações de sentidos de modo, a fim de cumprir diferentes funções em contextos socialmente situados.

Halliday (1985) elabora a GSF identificando três principais funções da linguagem ou metafunções (ideacional, interpessoal e textual), que são adaptadas por Kress e van

---

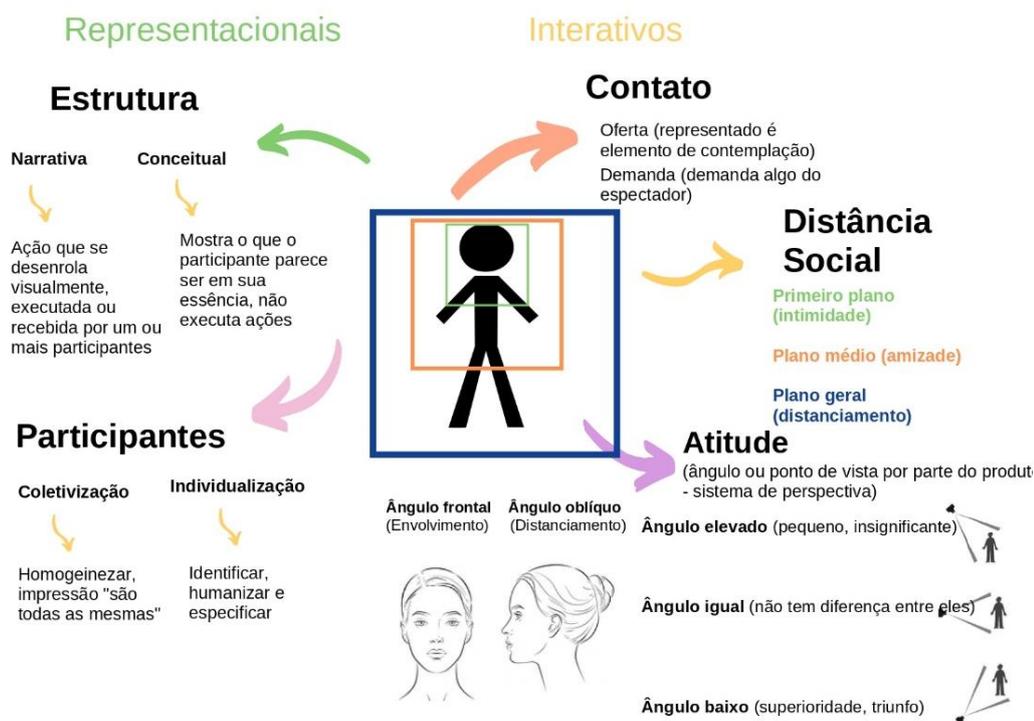
<sup>3</sup> Androcêntrico, pelo dicionário corresponde ao que é “relativo ao androcentrismo, à tendência para assumir o masculino como único modelo de representação coletiva, sendo os comportamentos, pensamentos ou experiências, associados ao sexo masculinos, os que devem ser tidos como padrão” (7GRAUS, 2009, [s.p]).

Leeuwen (1996) na GDV para o modo semiótico visual, passando a chamar: representacional (por representar as experiências), interacional (por estabelecer as interações sociais entre os participantes) e composicional (por denotar a organização da estrutura visual e posições ideológicas).

Neste trabalho, será feito o uso apenas dos significados representacionais e interativos para o estudo da representação da igualdade de gênero nas capas dos livros vendidos pelo clube *Minha Pequena Feminista* (MINHA PEQUENA FEMINISTA, [s.d.]), já que interessa aqui verificar como as personagens das capas são representadas e interagem com a sua audiência, qual seja, jovens e crianças leitoras. Os significados representacionais expressam ações ou conceitos instanciados pelos participantes da imagem, por meio de estruturas narrativas ou conceituais, respectivamente. Já os significados interativos expressam diferentes tipos de interação e relações de poder entre os participantes da imagem e seus espectadores, por meio do contato visual (oferta ou demanda), da distância social (primeiro plano, plano médio ou plano geral) e do tipo de atitude (ângulos horizontais e verticais).

Segue, abaixo, um esquema de explicação dessas duas categorias de análise.

**Figura 2 – Categorias de análise**



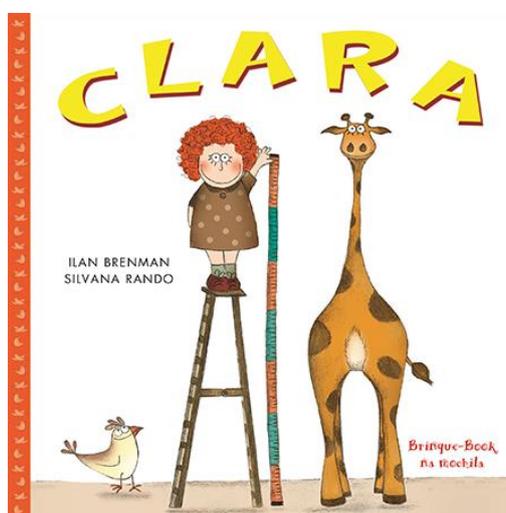
Fonte: Criação das autoras (2022).

Dessa forma, a partir dos Significados Representacionais e Interativos, é possível analisar, portanto, as ações ou conceitos, bem como os diferentes tipos de interação e relações de poder entre os participantes presentes na imagem e em seus espectadores.

### 3. Análise e discussão dos resultados

Em *Clara*, escrito por Brenman (2007) e ilustrado por Silvana Rando, cuja faixa etária média é de 0 a 5 anos, os participantes são coletivizados e a estrutura é, majoritariamente, conceitual, pois mesmo que a menina representada esteja com uma fita métrica em mãos – o que poderia sugerir a ação de medir –, as personagens estão ‘posando’ para a imagem. Ao olhar fixamente para frente, o contato é estabelecido por meio de demanda, ou seja, os olhares dos participantes esperam algo do espectador. A distância social está em plano geral, ressaltando o contexto no qual se encontram e o ângulo frontal na atitude das personagens indica envolvimento.

**Figura 3** - Capa do livro *Clara* (BRENMAN; RANDO, 2007).



**Fonte:** MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreen* das autoras.

Cumpramos sublinhar aqui que Clara é mostrada em condição de igualdade com a girafa, por estar na mesma altura dela. Essa elevação é concedida à menina por meio da circunstância de meio, escada, que permite a ela alcançar o animal. É interessante ressaltar a presença do pássaro, símbolo da liberdade, como circunstância de acompanhamento da menina e, também, disposto na borda alaranjada localizada no canto esquerdo da capa. Cabe notar que o pássaro, figura normalmente representada acima das pessoas, aqui, olha para cima, reafirmando a superioridade da menina em relação a ele. A delicadeza e a feminilidade são expressas nos cabelos cacheados, no vestido, nos sapatos e na posição da menina, que fica com os braços para trás, em posição de ‘guarda’, conforme o que se

espera, socialmente, das garotas. Dessa maneira, o contato de demanda sugere que a menina, de forma regular, aguarda a aprovação do espectador diante de seu posicionamento, assim como o fundo branco permite que o leitor volte a atenção apenas às figuras representadas. Assim como a posição de Clara, a fonte do título do livro é regular no tamanho, mesmo com variações na espessura. Clara, cujo nome indica também outra característica fenotípica da personagem, é representada por meio do seu desejo de estar à altura, literalmente, dos adultos e do seu anseio por crescimento. Dessa forma, a obra trabalha o papel dos adultos na construção da infância, mas não fica claro – pelo menos, não na capa – a desconstrução dos papéis de gênero indicada na sinopse da obra, visto que a menina é representada de acordo com os papéis sociais de representação feminina. Cabe ao leitor observar o que acontece no decorrer das páginas, interpretar as atitudes da menina, e retirar suas conclusões a respeito dos papéis de gênero dispostos na produção.

A segunda obra analisada, *A Princesa e a Costureira* é de autoria de Janaína Leslão (2015) e indicada a leitores acima de 9 anos. As participantes são coletivizadas e a estrutura é narrativa, pois as personagens trocam olhares, evidenciando uma relação íntima por meio desse processo de reação transacional. Por meio do contato de oferta, o leitor é convidado a contemplar a representação. A distância social está em plano médio, indicando uma relação amigável, e o ângulo oblíquo, sinalizando o envolvimento entre as participantes representadas.

**Figura 4** – Capa do livro *A Princesa e a Costureira* (LESLÃO, 2015).



**Fonte:** MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreen* das autoras.

Na imagem, as personagens se encontram abaixo da abertura de uma torre com vistas para uma paisagem. A luz emitida por esta espécie de portal reflete a sombra das

participantes, sugerindo que elas estão prestes a saírem da escuridão e seguirem a claridade. Esta metáfora pode estar associada à alegoria da caverna de Platão<sup>4</sup>, salientando a dicotomia entre conhecimento e ignorância e relacionando-a com a quebra dos padrões sociais no quesito das relações afetivas. Acima delas, identifica-se o título da obra, cuja fonte escolhida para representar é a mesma utilizada nas demais informações presentes na capa, evidenciando a padronização. As participantes também portam alguns atributos, como coroa e tesoura, representando as diferentes posições sociais assumidas por elas no contexto em que estão inseridas. Além desses, a coroa disposta acima do título do livro é ‘enlaçada’ por linha e agulha, indicando a relação de intimidade das personagens. Outro indício das diferentes posições sociais são as vestimentas: a princesa usa um vestido azul bastante elaborado com diversos caimentos, pulseira e brincos de ouro e pedras, enquanto a costureira usa avental e lenço nos cabelos. A quebra com os padrões de representatividade dá-se também nas características fenotípicas das participantes, pois a princesa é negra e a costureira é branca. Tal escolha parece ter sido feita com o objetivo de contar uma narrativa diferente das demais já reproduzidas nos contos de fadas conhecidos. Ao colocar uma negra como protagonista de um conto de fadas e ilustrar uma relação homoafetiva, a obra cumpre com o objetivo de trazer luz à diversidade humana e às discussões sobre os direitos das pessoas LGBTQIA+.

Por meio da estrutura conceitual, a terceira obra, *As Mulheres e os Homens*, de Equipo Plantel (2016), vira objeto de contemplação. A obra é entregue a leitores de faixa etária média de 10 a 13 anos. Duas figuras, dispostas no centro da imagem, encaram o leitor por meio do contato de demanda e do ângulo frontal. O uso do plano geral parece, mais uma vez, cumprir a função de mostrar os participantes juntos, em situação de igualdade de com suas vestimentas contrariando padrões estabelecidos.

---

<sup>4</sup> PLATÃO. A República. Livro VII. Tradução de Enrico Corvisieri in: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural. 2000.

**Figura 5** – Capa do livro *As Mulheres e os Homens* (PLANTEL, 2016).



**Fonte:** MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreen* das autoras.

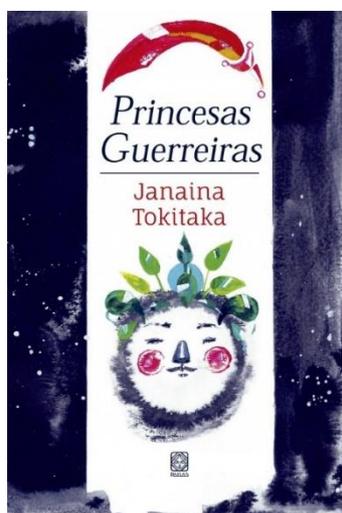
Cabe salientar que, por fazerem parte de uma estrutura conceitual, as personagens representadas são portadoras de significados e se utilizam das vestimentas para realizar a quebra de expectativa do leitor e, ao mesmo tempo, prepará-lo para a leitura que virá no decorrer das páginas. Ao unirem os rostos e darem as mãos, os participantes da imagem pretendem representar algo que se funde e faz parte de um mesmo universo. Tal representação concorda com a proposta do livro de escancarar as desigualdades sofridas pelas mulheres em contextos majoritariamente masculinos, como o de trabalho. Os contextos são identificados pela escolha da vestimenta formal (terno) para a mulher, indicando a ocupação de cargos de liderança. Por outro lado, a vestimenta escolhida para compor a figura masculina da imagem indica a possibilidade de homens estarem aptos a ocuparem espaços e desenvolverem atividades consideradas femininas de acordo com os padrões sociais estabelecidos. O fundo da imagem, por sua vez, é de cor verde, como um *Chroma Key* (EQUIPE, 2018, [s.p.]), técnica básica, conhecida por ‘fundo verde’, para substituir um fundo de cor sólida por qualquer outra imagem. Essa escolha salienta e confirma a possibilidade de o espectador imaginar as personagens da capa inserida em diferentes contextos. Além dela, cabe salientar a opção das posições realizadas por cada participante em relação à mão que está ‘disponível’: o homem fica com a mão para trás – indicando passividade –, enquanto a da mulher permanece no bolso da vestimenta, sugerindo segurança e firmeza. Outra característica importante de se notar é a escolha de uma fonte padronizada e serifada para o título, considerando que o aspecto duro e mecânico de serifas grossas costuma demandar aplicações específicas.

O aspecto preponderante e muitas vezes bruto de muitos tipos egípcios transmite conceitos de força, robustez, vitalidade, técnica, arquitetura, solidez, massividade, persistência, estabilidade ou imobilidade (HEITLINGER, 2006, p. 126 *apud* CARVALHO, 2012, p. 101).

A persistência se dá, portanto, no sentido de fortalecer a luta pela igualdade de gênero e combater os pensamentos sexistas presentes em nossa sociedade. Nesse sentido, *As Mulheres e os Homens* (PLANTEL, 2016), recomendado para crianças de 10 a 13 anos pelo clube de assinatura, parece ajudar os pais a proporcionarem uma educação menos sexista a seus filhos.

Em *Princesas Guerreiras*, de autoria de Janaina Tokitaka (2017), faz uso da estrutura conceitual, pois a figura representada é simbólica e chama atenção por sua identidade desconhecida. Levando em consideração que a imagem representada se assemelha a um rosto, a distância social seria em primeiro plano e indicaria intimidade. Além disso, o ângulo seria frontal, sugerindo envolvimento.

**Figura 6** – Capa do livro *Princesas Guerreiras* (TOKITAKA, 2017).



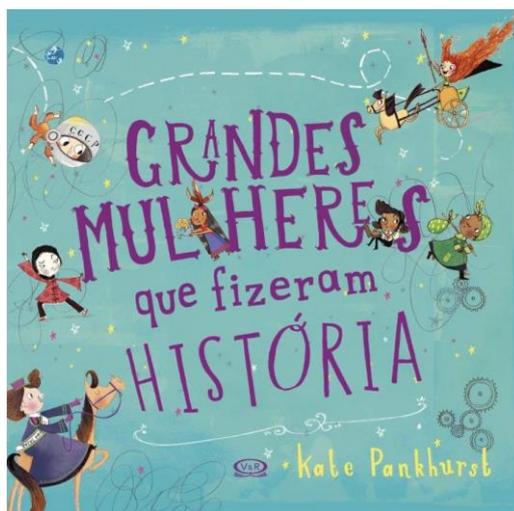
**Fonte:** MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreen* das autoras.

Acima da cabeça da figura representada há uma espécie de cocar, sugerindo a relação com culturas tribais. Na imagem também contém uma espada, símbolo relacionado à bravura e ao poder. A cor do objeto é vermelha, o que poderia indicar energia; excitação, sentimentos socialmente relacionados ao ato de guerrear. Dessa forma, os elementos dispostos na imagem, implicitamente, levam o espectador a esperar algo conforme indica o título. Esse, por sua vez, assim como o nome da escritora, é escrito com fonte uniforme e serifada, também transmitindo conceitos de força e rigidez. O fundo da capa é ilustrado a partir de técnicas esfumaçadas e respingadas representando um

ambiente noturno. A noite, em diversos dicionários de símbolos, representa tanto a ideia do obscuro, aquilo que não se vê, como a preparação da chegada da luz. Dessa forma, se a intenção da ilustradora era representar a metalinguagem por meio da capa – entende-se metalinguagem no fato de os desenhos não estarem dispostos de forma clara –, houve êxito. No entanto, se a intenção era chamar a atenção dos leitores, o objetivo fica difícil de ser cumprido, visto que a obra é indicada a crianças de 9 a 13 anos e leitores dessa idade se apegam a alguns recursos imagéticos presentes nas capas dos livros ao optarem por eles. Ademais, ao se propor a trabalhar temas como igualdade de gênero, desconstrução de princesas e independência feminina, a ilustradora poderia explorar de diferentes recursos para representar as princesas guerreiras citadas na obra.

No livro *Grandes Mulheres que Fizeram História*, escrito por Kate Pankhurst (2019) e voltado para leitores com faixa etária média de 8 anos, as participantes são coletivizadas e a estrutura é narrativa. Ou seja, cada participante está praticando uma ação na imagem. O contato é estabelecido pela oferta, sugerindo a contemplação das figuras representadas ao leitor. Combinado à ideia de contemplação, o produtor da imagem fez uso do plano geral e ângulo oblíquo, sugerindo distanciamento entre os mundos das participantes e do espectador.

**Figura 7** – Capa do livro *Grandes Mulheres que Fizeram História* (PANKHURST, 2019).



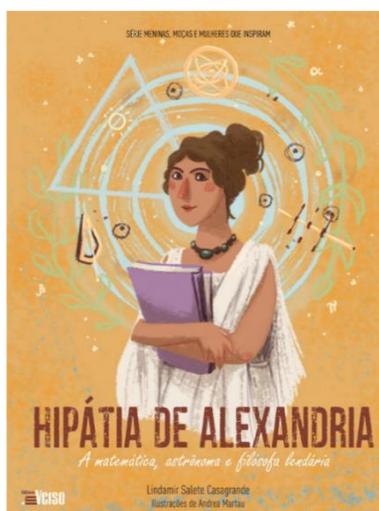
**Fonte:** MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreen* das autoras.

Na capa, as personagens praticam diferentes ações, como lutar, nadar, contemplar, cavalgar etc. Além de praticar atividades diversas, as figuras interagem com o título, este que se apresenta por meio de fontes variadas. Além de traços diferentes, a fonte traz variação nos tamanhos de algumas letras, como também regularidade no tamanho de

outras. Os diferentes tracejados, formatos e espessuras dispostos na fonte do título conversam com as diversificadas representações femininas presentes na obra: umas mais delicadas, outras menos, algumas sérias, outras divertidas, e assim por diante. As personagens são ligadas por meio de vetores identificados por traços, estrelas e engrenagens, também abusando de diferentes formas de se representar movimento e, por sua vez, atuação. O fundo é de tonalidade azulada, a fim de dar destaque aos outros elementos da capa, podendo designar importância à movimentação das personagens na composição. Algumas participantes usam de circunstâncias de meio e/ou de acompanhamento, bem como atributos, a fim de manifestar ações diferentes, revelando parte de sua atuação no mundo. A diversidade também está presente nos traços fenotípicos das mulheres que compõem a imagem, com o propósito de demonstrar os traços culturais de cada participante representada. De forma díspar, portanto, *Grandes Mulheres que Fizeram História* pretende trabalhar a desconstrução dos papéis de gênero e empoderar as crianças leitoras por meio de grandes exemplos que mudaram o mundo.

O livro que conta parte da história da filósofa neoplatônica Hipátia— denominado *Hipátia de Alexandria: a Matemática, Astrônoma e Filósofa Lendária*, de Lindamir Salete Casagrande (2020) – tem a personagem individualizada e localizada ao centro da imagem. A estrutura é conceitual e contém um atributo simbólico (livro) podendo ser relacionado à ideia de conhecimento. O contato é de oferta, sugerindo a contemplação, e a distância social em plano médio suscita uma relação de mais afinidade entre a participante e o espectador.

**Figura 8** – Capa do livro *Hipátia de Alexandria: A Matemática, Astrônoma e Filósofa Lendária* (CASAGRANDE, 2020).



**Fonte:** MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreens* das autoras.

Ao ser mostrada por meio do ângulo oblíquo, não se permite que o mundo da participante representada coincida com o mundo do espectador. Dessa forma, nota-se que Hipátia assume o papel de portadora, por estar inserida em uma estrutura conceitual simbólica, e seu atributo é um livro, cujo significado indica conhecimento. Esta escolha combina com a individualização da participante por ser um indicativo de que ela é, portanto, a única detentora do conhecimento (livro) que está localizado nas mãos dela. No título, a escolha por fontes sem serifas e adornos faz com que o design da letra se distancie de características das fontes egípcias, normalmente utilizada na escrita de títulos. Tal distanciamento torna-se interessante de notar pelo fato de Hipátia ter nascido na cidade egípcia de Alexandria, no período em que ainda era um território do Império Romano, mas sempre se posiciona com indiferença em relação às guerras ocorridas entre cristãos e pagãos daquele tempo. Assim como na imagem a personagem se agarra ao livro, naquele período, Hipátia se apegava aos conhecimentos filosóficos e no compromisso com a verdade. A atemporalidade de suas ideias e descobertas é representada por meio de um desenho, uma espécie de espiral, localizado atrás da participante e rodeado de figuras matemáticas. A personagem também porta uma vestimenta característica da cultura grega, representando o forte sincretismo da antiga religião egípcia com os símbolos da tradição greco-romana ocorrido naquele período. Outras características interessantes de se notar é a cor da pele e o formato dos olhos da participante, visto que trazem aspectos realísticos fenotípicos dos egípcios, fugindo das representações frequentemente estereotipadas pela mídia de que esses povos eram brancos como os gregos. Hipátia é, portanto, representada de acordo com os padrões e as características femininas presentes no período em que viveu, bem como carregada de características fenotípicas realísticas de seu povo. Desse modo, faz-se possível concluir que o compromisso da filósofa com a verdade é transposto na ilustração de Andrea Martau, que busca representar Hipátia para além de seu amor pela ciência, mas como um exemplo de visibilidade, determinação e construção. No clube de assinatura, a obra é recomendada a crianças de 9 anos para cima.

Em *Quem Disse?*, de autoria de Caroline Arcari (2020), voltado para leitores de faixa etária média de 0 a 5 anos, os participantes são coletivizados e a estrutura é narrativa, pois um menino e uma menina olham, de modo aparentemente curioso, para o título do livro, em um cenário descontextualizado. O contato é estabelecido por meio de oferta, ou seja, os participantes representados são elementos de contemplação.

**Figura 9** – Capa do livro *Quem Disse?* (ARCARI, 2020).



**Fonte:** MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreen* das autoras.

A distância social está em primeiro plano, acentuando a aproximação entre eles e o espectador, e a atitude acontece por meio ângulo frontal e igual para a menina da imagem, sugerindo envolvimento. Já o menino é representado por meio do ângulo oblíquo e igual, indicando distanciamento. Aqui é importante ressaltar a suposta relação de superioridade sugerida pelo menino em relação à menina. Enquanto ele figura no canto superior direito da página, ela aparece no canto inferior direito. Os participantes representados na capa são duas das crianças presentes ao longo do enredo do livro. No transcorrer das páginas, há perguntas direcionadas por vocativos, não sendo possível identificar qual das crianças é mencionada na página, em específico. Essa escolha linguística permite que a pergunta seja também direcionada ao leitor/leitora, já que ele/ela pode ter o mesmo nome da criança referida na página.

Na capa, a direção do olhar dos participantes é representada em forma de vetor e se dá em relação ao título do livro, para o qual eles olham fixamente. Ao olharem para o fenômeno e reagirem com aparência de dúvida, retrata-se uma prática frequente no período da infância, já que a criança percorre um longo período de descobertas. A capa não possui cenário, visto que os participantes estão dispostos sobre um fundo amarelo, escolha que, possivelmente, intenciona a captura de atenção do leitor. Por meio da análise dos traços fenotípicos das crianças – uma de cabelos crespos e olhos arredondados, a outra de cabelos lisos e olhos puxados –, é possível constatar que uma delas é parda e a outra é negra, características que demonstram a preocupação do ilustrador em relação às questões de representatividade. Além disso, no decorrer das páginas, nota-se as diferentes tonalidades da pele das crianças representadas, o que confirma a afirmação anterior. A

fonte utilizada na escrita do título é espessa e explora de cores variadas, fazendo-se parecer com um brinquedo de encaixar e salientando a ludicidade da composição. Nesse jogo de cores e perguntas, *Quem Disse?* (ARCARI, 2020) cai ‘como uma luva’ nas mãos dos pais que pretendem estimular a curiosidade e o questionamento de suas crianças em relação aos padrões de gênero impostos socialmente.

A obra *Eu sou uma menina!*, de Yasmeen Ismail (2020), é entregue pelo clube aos assinantes de 0 a 3 anos. A personagem representada em sua capa é individualizada e a estrutura é narrativa, pois ela emite uma fala por meio de processo verbal e se utiliza de uma circunstância de meio (instrumento musical) para realizar uma ação. O contato é constituído por meio de oferta, sugerindo a contemplação da participante da imagem, e a distância social acontece em plano geral, destacando o ambiente no qual ela se encontra. Quanto à atitude, a participante é mostrada por meio do ângulo oblíquo, como se o mundo dela não fosse o mesmo do espectador.

**Figura 10** – Capa do livro *Eu sou uma menina!* (ISMAIL, 2020).



**Fonte:** MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreens* das autoras.

A participante da obra é um ser integrado de características humanas e animais, portanto, não é possível encaixá-la em uma categoria específica. Ismail deixa claro, na sinopse do livro, de que conta estória de uma menina, portanto, há indicação de gênero à personagem. Ela é bípede, mas tem orelhas longas como a de um coelho; tem rosto comprido como o de um burro, mas toca um instrumento e se movimenta como um humano. Esse movimento é percebido por meio de vetores dispostos em volta dos seus membros e do rabo. Além de movimento, há indicação de sonoridade sendo reproduzida por meio de pontinhos em volta do instrumento, circunstância de meio, tocado pela personagem. O processo narrativo, por sua vez, é verbal, pois a personagem emite uma

fala de empoderamento: “seja você mesma, não há ninguém melhor” (ISMAIL, 2020, [s.p.]). A fonte utilizada na fala é a mesma presente no título, nas informações da capa e no decorrer do livro. Mesmo que padronizada no tamanho e na escrita, a fonte carrega aspecto manual, deixando a impressão de que toda a obra foi produzida artesanalmente, com uma pintura. Esse aspecto também é presente na ilustração de Ismail, por ser feita em aquarela. Cabe salientar que o fato de o desenho não possuir contorno condiz com a proposta do livro de quebrar as regras e ultrapassar os limites ou, até mesmo, não os ter. Essa quebra também acontece em relação à ‘ambientalização’ da personagem, porque mesmo sendo um espaço florido, a frase disposta na contracapa é “eu deveria ser boazinha, toda meiga e cheirosa... mas sou doce e amarga, não sou uma florzinha!” (ISMAIL, 2020, [s.p.]). Nesse jogo de palavras, cores, sentidos, formas, texturas, sons e movimentos, *Eu sou uma menina!* (ISMAIL, 2020) quebra, portanto, com os padrões de gênero disponíveis na sociedade, permitindo que o leitor explore a imaginação, bem como se empodere a praticar diferentes ações em diversos espaços.

A penúltima obra, *A Menina que Amava as Plantas*, de Xu Lu (2021), é voltada a leitores de faixa etária média de 6 a 12 anos, a participante é individualizada e a estrutura é conceitual, pois a menina não executa ações. O contato é de oferta, concordando com a estrutura, pois a menina se torna objeto de contemplação. A distância social acontece por meio do plano geral, ressaltando o ambiente verde no qual se encontra. O ângulo elevado indica que a figura representada é vista de cima, portanto, se torna pequena, integrada em meio à vegetação. Conforme explicado no capítulo anterior, a individualização da figura representada permite a identificação, especificação e humanização desta personagem. Dessa forma, o espectador fica curioso para saber quem é a menina que está cercada por plantas e que, por estar vista de um ângulo elevado, se torna tão insignificante no meio delas ou, até mesmo, se mistura com a natureza.

**Figura 11** – Capa do livro *A Menina que Amava as Plantas* (LU, 2021).



**Fonte:** MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreen* das autoras.

As plantas são representadas de modos específicos, por meio dos traços coloridos e diferenciados. A especificação das plantas se dá por serem as ervas medicinais chinesas utilizadas na cura da malária conhecidas, popularmente, por: Espinheiro-da-montanha, Tanchagem, Rosa-cherokee e Artemísia. Conforme indica a especialista em literatura infantil, Thais Camico, as ilustrações de Coppini “combinam esboços e linhas pictóricas e organizam presente e passado” (CAMICO, 2021, [s.p.]). Os traços fenotípicos da menina trazem os aspectos culturais chineses, bem como as suas vestimentas a colocam em um lugar de acordo com o esperado socialmente: a menina de olhos puxados é delicada, usa vestido vermelho, meias e sapatinho. Conforme referenciado por Camico (2021), “A cor do vestido da menina, vermelho, se mantém por dentro do jaleco anos depois, já cientista” (CAMICO, 2021, [s.p.]). Dessa forma, é possível perceber que a escolha do vestido é proposital. O que não fica claro é o motivo desta escolha, mesmo depois de muita pesquisa referente a este tema. Portanto, pode-se concluir que a menina, visualmente, cumpre com os padrões pré-estabelecidos socialmente e a desconstrução com os papéis de gênero, proposta no site do clube de assinatura, se dá em relação ao seu feito. Essa constatação indica ainda mais subversão dos significados, pois adverte que, independentemente se a menina é representada de acordo ou não com os padrões estabelecidos, suas ações causaram impactos mundiais. Tal verificação evoca uma frase dita pelo jornalista e escritor italiano Vittorio Buttafava (1976): “É bom que as mulheres bonitas geralmente sejam estúpidas. Se também fossem inteligentes, seria uma injustiça” (BUTTAFAVA, 1976, p. 103). Levando em consideração que, em nossa sociedade, a ideia de ‘mulher bonita’ está relacionada aos padrões sociais estabelecidos, de forma

‘injusta’ ou não, *A Menina que Amava as Plantas* (LU, 2021) ensina a seus leitores que as crianças podem ser o que quiserem.

Para finalizar, *Malu Brinca de Quê*, de autoria de Mateus e Comisso (2021), voltado para assinantes de faixa etária média de 0 a 5 anos, as participantes são coletivizadas e a estrutura é narrativa, pois elas executam a ação de brincar na árvore. No que se refere aos significados interativos, o contato é estabelecido por meio de oferta, isto é, as participantes representadas são elementos de contemplação. A distância social é mais impessoal, devido ao uso do plano geral, destacando o cenário no qual as participantes se encontram. Em termos de atitude, a menina é mostrada por meio do ângulo frontal, sugerindo envolvimento. A boneca, personagem secundária, é representada por meio do ângulo oblíquo, sugerindo seu envolvimento com a participante principal. Portanto, o enfoque aqui é dado à ação delas em brincar juntas em uma árvore.

**Figura 12** – Capa do livro *Malu Brinca de Quê* (MATEUS; COMISSO, 2021).



**Fonte:** MINHA PEQUENA FEMINISTA (s.d.), *printscreen* das autoras.

Dessa forma – e retornando aos significados representacionais –, é possível relacionar o ato de brincar de cabeça para baixo como uma conduta que foge dos padrões femininos esperados socialmente. Essa atitude esperada seria, com base nos padrões sociais de representação: a delicadeza, o ato de se sentar de pernas cruzadas, a posição de submissa. Ao contrário disso, a liberdade de ‘brincar como quiser’ é evocada, simbolicamente, pelo pássaro que se encaixa no cenário como circunstância de acompanhamento. Outra característica interessante de se notar é o fundo que, por estar composto por nuvens, denota elevação, tanto na atitude quanto na altitude da brincadeira. Essa ideia de elevação representada também se relaciona com o teor de provocação transposto na imagem, isto é, as meninas estão nas alturas, as meninas subvertem o que

se espera delas. Destarte, a boneca aparece como confirmação dessa agitação, visto que, de acordo com o padrão social, as bonecas também são figuras passivas que evocam submissão. Ou seja, elas são paralisadas e estacionam conforme o desejo daquele que brinca. A subversão também se dá nos elementos de fundo e da natureza, já que o fundo da imagem é composto por um céu com a tonalidade cor-de-rosa, enfatizando o ambiente como feminino. Os traços rosados também estão nas características fenotípicas de Malu, uma criança ruiva, e a quebra dos padrões também se dá nas suas vestimentas, camiseta e bermuda. Conclui-se, portanto, que *Malu Brinca de Quê* (MATEUS; COMISSO, 2011) trabalha a desconstrução dos estereótipos de gênero na educação infantil de forma lúdica e representativa.

Após a análise dos significados representacionais e interativos disponíveis nas capas dos livros entregados aos assinantes do clube de assinatura *Minha Pequena Feminista* (MINHA PEQUENA FEMINISTA, [s.d.]), é possível encontrar regularidades e diferenças presentes nas imagens, bem como concluir a presente pesquisa.

### **Conclusões**

Os resultados deste estudo permitem notar que o contato entre os participantes das imagens e o espectador é estabelecido, majoritariamente, pela oferta, sugerindo o participante representado como objeto de contemplação. Essa característica excetua-se nas obras *Clara* (BRENMAN e RANDO, 2007) e *As Mulheres e os Homens* (PLANTEL, 2016), que estabelecem o contato de demanda em relação ao espectador. Considerando que a questão da igualdade de gênero demanda atitudes das pessoas inseridas nestes movimentos sociais, seria relevante salientar a importância do uso desse recurso (demanda) nas capas, já que as obras se propõem a cumprir com uma proposta de educação não-sexista. A segunda característica recorrente nas capas é a ausência de escolha da cor rosa para representar figuras femininas nas obras. Essa ausência se dá tanto na composição da capa (cor de fundo, fonte etc.) quanto nos detalhes e vestimentas das figuras representadas.

Outro significado interativo prevalente nas obras é o de plano geral, permitindo ao espectador observar os participantes e os detalhes do contexto no qual se encontram. As exceções ocorreram em *Quem disse?* (ARCARI, 2020), *Princesas Guerreiras* (TOKITAKA, 2017); que foram representadas em primeiro plano, indicando intimidade; e em *Hipátia de Alexandria: a Matemática, Astrônoma e Filósofa Lendária* (CASAGRANDE, 2020) e *A Princesa e a Costureira* (LESLÃO, 2015), em que as

participantes foram representadas em plano médio, indicando amizade. Dessa forma, faz-se importante salientar que a escolha pelo plano geral permite à criança explorar a imaginação por meio dos elementos presentes na imagem. Sendo assim, as ilustrações que se utilizaram deste recurso tendem a gerar mais curiosidade nos leitores e, conseqüentemente, serem desejados à leitura.

Ademais, as capas de dois livros específicos se sobressaíram por conta de suas características singulares, convidando ao aprofundamento de sua interpretação. São elas: *Eu Sou uma Menina!* (ISMAIL, 2020) e *As Mulheres e os Homens* (PLANTEL, 2016). A primeira obra, publicada pela editora Brinque-Book, a atenção é voltada para a personagem principal da capa, individualizada, cuja caracterização não é identificável ao primeiro olhar, ou seja, não fica claro se é uma criança ou um animal, a figura parece uma criança com características zoomórficas. Nesta estrutura narrativa, cujo processo é verbal – por conta da escolha do balão de fala –, a escolha da faixa etária dessa obra nos chama atenção por variar muito e, principalmente, por ser entregue aos assinantes de zero a três anos, de acordo com o site do clube. Nesse caso, a dúvida seria o porquê dessa escolha, visto que crianças ainda não alfabetizadas não poderiam absorver o completo significado proposto pela obra.

No entanto, mesmo que o processo verbal presente na imagem destoe da idade esperada dos leitores, a identidade visual e escolha por uma ilustração que transgrida os padrões imagéticos do feminino e masculino corroboram com a proposta do livro de abordar a igualdade de gênero na literatura infantil.

Em relação à capa de *As Mulheres e os Homens* (PLANTEL, 2016), publicado pela editora Boitatá, a atenção é voltada para a escolha das vestimentas que são ‘trocadas’ de acordo com uma concepção binária de gênero, ou seja, masculino e feminino. Além disso, a escolha das cores em destaque, vermelho e verde, sugerem uma ‘desconstrução’, algo que é, inclusive, citado na apresentação da obra disposta no site do clube: “[...] *As mulheres e os homens* é um livro instigante e de fácil compreensão, com uma paleta de cores que foge do já consagrado azul-para-meninos e rosa-para-meninas.” (PLANTEL, 2016, [s.p.]). Portanto, mesmo que as figuras representadas em *As Mulheres e os Homens* (PLANTEL, 2016) chamem a atenção por motivo oposto ao da participante de *Eu Sou uma Menina!* (ISMAIL, 2020) – já que uma opta por uma imagem não-binária e a outra pela binariedade –, as duas cumprem com a proposta de trabalhar a igualdade de gênero nas capas, cada qual ao seu modo. Sendo assim, uma possível resposta para as capas de *Eu Sou uma Menina!* (ISMAIL, 2020) e *As Mulheres e os Homens* (PLANTEL, 2016) se

mostrarem ‘mais ousadas’ seria o fato de pertencerem a editoras com propostas mais “vanguardistas”.

Outra obra merecedora de atenção especial seria *Malu Brinca de Quê* (MATEUS e COMISSO, 2021), cuja imagem, a princípio, quebra com os padrões infantis esperados socialmente, ao representar a menina com vestimentas ditas masculinas, brincando livremente de algo que também foge deste padrão. Além disso, a complexidade da imagem se dá também pelas escolhas de recursos visuais e figuras simbólicas (pássaro e boneca) para representar a subversão.

Faz-se interessante notar que a capa mais antiga, do livro *Clara* (BRENMAN e RANDO, 2007), chama a atenção por ser a menos representativa em relação às questões de gênero, pois a menina representada não desconstrói os padrões de gêneros, conforme indica na sinopse de livro inserida no site do clube.

No mais, conclui-se que a maioria das obras vendidas pelo clube de assinatura *Minha Pequena Feminista* (MINHA PEQUENA FEMINISTA, [s.d.]) cumprem com a proposta de abordar a igualdade de gênero, seja fazendo uso de recursos subversivos à desigualdade de gênero presente em nossa sociedade, seja por meio de discursos visuais que indicam que as crianças podem ser o que elas quiserem, independentemente do gênero do qual se identificam.

Dado o exposto, pode-se afirmar que a Semiótica Social Multimodal e a GDV contribuíram para o cumprimento com os objetivos colocados na pesquisa. Ademais, acredita-se que, a partir do enfoque teórico e metodológico proposto por este trabalho, outras pesquisas futuras podem ser desenvolvidas, como por exemplo, a investigação da representação de igualdade de gênero nas obras mais recentes veiculadas pelo clube *Minha Pequena Feminista* (MINHA PEQUENA FEMINISTA, [s.d.]) e em outras obras infantis com maior índice de leitores no mercado editorial brasileiro na contemporaneidade. Afinal, estudar e divulgar reflexões em torno das representações de gênero, é urgente e imprescindível para empoderar meninas e construir uma sociedade livre e igualitária.

## Referências

7GRAUS. Androcêntrico. Dicio, Dicionário Online de Português 2009. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br> >. Acesso em: 11 fev. 2023.

- ARCARI, C. Quem Disse?. Curitiba: Caqui, 2020. Disponível em: < <https://minhapequenafeminista.com.br/produto/quem-disse-caroline-arcari/>>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- BOLTEN, V. T. *Representações do feminino: a literatura infantil de guerra aos estereótipos de princesas ocidentais clássicas*. 2019. 53 f. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2019. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/199566> >. Acesso em: 8 fev. 2022.
- BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRAVE. Direção de Mark Andrews, Brenda Chapman, Steve Purcell. California: Walt Disney Pictures; Pixar Animation Studios, 2012, 93 min.
- BRENMAN, I.; RANDO, S. Clara. São Paulo: Brinque Book, 2007. Disponível em: < <https://minhapequenafeminista.com.br/produto/clara-ilan-brenman/> >. Acesso em: 13 fev. 2023.
- BUTTAFAVA, V. *La vita è bella nonostante*. 1 ed. Milão: Rizzoli, 1976.
- CASAGRANDE, L. S. *Hipátia de Alexandria: a Matemática, Astrônoma e Filósofa Lendária*. Curitiba: Editora Inverso, 2020. Disponível em: < <https://minhapequenafeminista.com.br/produto/hipatia-de-alexandria-lindamir-salete-casagrande/> >. Acesso em: 13 fev. 2023.
- CALDAS-COULTHARD, C. R.; VAN LEEUWEN, T. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n. Esp., 2004, p. 11 - 33. Disponível em: < <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0403/040301.pdf> >. Acesso em: 24 mar. 2022.
- CAMICO, T. Ervas mágicas. *Quatro cinco um*, 2021. Disponível em: < <https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/literatura-infantojuvenil/ervas-magicas> >. Acesso em: 02 dez. 2023.
- CARVALHO, F. F. *Semiótica social e imprensa: o layout da primeira página de jornais portugueses sob o enfoque analítico da gramática visual*. 2012. 286f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Portugal, 2012. Disponível em: < [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6642/1/ulsd063065\\_td\\_Flaviane\\_Carvalho.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6642/1/ulsd063065_td_Flaviane_Carvalho.pdf) >. Acesso em 08 jan. 2023.
- CINDERELLA. Direção de Clyde Geronimi, Wilfred Jackson, Hamilton Luske. California: Walt Disney Productions, 1950, 74 min.
- COSTA, A. A. A. O Movimento Feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. In: PISCITELLI, A. MELO, H. P.; MALUF, S. W.; PUGA, V. L (org.). *Olhares Feministas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006. p. 51-82.

Disponível em: < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183200> >. Acesso em: 12 out. 2022.

EQUIPE FOTOGRAFIA MAIS. *Chroma Key: O Que é, Aprenda Como Usar e Como Fazer o seu em Casa. Fotografia Mais*, 2018. Disponível em: <<https://fotografiamais.com.br/chroma-key#comments>>. Acesso em: 11 de fev. de 2023.

FRÓIS, É. S. A construção da expressão de gênero na infância: do gesto à palavra. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 15, n. 2, p.1-15, 2018. Disponível em: < [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia\\_FroisESi\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_FroisESi_1.pdf) >. Acesso em: 23 mar. 2022.

FROZEN: uma Aventura congelante. Direção: Jennifer Lee e Chris Buck. California: Walt Disney Animation Studios; Walt Disney Pictures, 2014, 102 min.

GUALBERTO, C.; P. Representações do feminino em protagonistas da Disney® sob uma ótica multimodal a partir da Semiótica Social. In: GUALBERTO, C.; PIMENTA, S. *Semiótica social, multimodalidade, análises, discursos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. p. 13-65. Disponível em: < [https://www.researchgate.net/publication/336884205\\_Representacoes\\_do\\_feminino\\_em\\_protagonistas\\_da\\_DisneyR\\_sob\\_uma\\_otica\\_multimodal\\_a\\_partir\\_da\\_Semiotica\\_Social](https://www.researchgate.net/publication/336884205_Representacoes_do_feminino_em_protagonistas_da_DisneyR_sob_uma_otica_multimodal_a_partir_da_Semiotica_Social) >. Acesso em: 28 mar. 2022.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

ISMAIL, Y. *Eu sou uma menina!*. São Paulo: Brinque Book, 2020. Disponível em: <https://minhapequenafeminista.com.br/produto/eu-sou-uma-menina-yasmeen-ismail/> >. Acesso em: 13 fev. 2023.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN [1996]. T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London and New York: Routledge, 2006.

LESLÃO, J. *A Princesa e a costureira*. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2015. Disponível em: <<https://minhapequenafeminista.com.br/produto/a-princesa-e-a-costureira-janaina-leslao/>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

LU, X. *A menina que amava as plantas*. São Paulo: Cai-cai, 2021. Disponível em: <https://minhapequenafeminista.com.br/produto/a-menina-que-amava-as-plantas-xu-lu/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MARQUES, A. C. A. *A ascensão da imagem do eu feminino na literatura infantil*. 2021. 60 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras, Departamento de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2021. Disponível em: < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20539> >. Acesso em 8 fev. 2022.

MATEUS, N.; COMISSO, R. *Malu brinca de quê*. São Paulo: Sáira Editorial, 2021. Disponível em: < <https://minhapequenafeminista.com.br/produto/malu-brinca-de-que/> >. Acesso em: 13 fev. 2023.

MINHA PEQUENA FEMINISTA, [s.d.], [s.p.]. Disponível em: < <https://minhapequenafeminista.com.br> >. Acesso em: 11 fev. 2023.

MOANA um mar de aventuras. Direção; Ron Clements, John Musker, Don Hall, Chris Williams. Burbank: Walt Disney Animation Studios; Walt Disney Pictures, 2017, 107 min.

MORENO, M. *Como se ensina a ser menina*. São Paulo: Moderna, 1999.

PANKHURST, K. *Grandes mulheres que fizeram história*. Cotia: VR Editora, 2019. Disponível em: < <https://minhapequenafeminista.com.br/produto/grandes-mulheres-que-fizeram-historia-kate-pankhurst-2/> >. Acesso em: 13 fev. 2023.

PLANTEL, E. *As Mulheres e os homens*. São Paulo: Boitempo, 2016. Disponível em: < <https://minhapequenafeminista.com.br/produto/as-mulheres-e-os-homens-equipoplantel/> >. Acesso em: 13 fev. 2023

PLATÃO. A República. Livro VII. Tradução de Enrico Corvisieri in: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultural. 2000.

PONDÉ, G. Releituras do feminino na literatura infantil. *Vidya*, Rio Grande do Sul, v.19, n. 33, p. 73 - 81, jan./jun., 2000. Disponível em: < <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/536> >. Acesso em 8 fev. 2022.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 16, v. 2, p. 73-81 jul./dez. 1990.

SLEEPING BEAUTY. Direção: Clyde Geronimi. Walt Disney Productions, 1959. 75 min.

SNOW WHITE and the seven dwarfs. Direção: William Cottrell, David Hand, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce, Ben Sharpsteen. Walt Disney Productions, 1938. 83 min.

TITOTO, L. C. S. *et al.* A representação da mulher em uma coleção de livro didático aprovada pelo PNLD de língua inglesa. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 22, n. 1, p. 147–165, 2021. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/32411> >. Acesso em: 19 out. 2022.

TOKITAKA, J. *Princesas Guerreiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. Disponível em: < <https://minhapequenafeminista.com.br/produto/princesas-guerreiras/> >. Acesso em: 13 fev. 2023.

WIKIPÉDIA. Tribalismo. *Wikipédia: a enciclopédia livre*, [s.d.]. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tribalismo> >. Acesso em: 11 fev. 2023.